

“Queridas leitoras”: seções femininas na imprensa  
diária do Rio de Janeiro no final do século XIX  
Lerice de Castro Garzoni\*

---

Resumo:

O artigo apresenta e contrapõe três seções femininas publicadas em jornais diários da cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas do século XIX. Além de chamar a atenção para a diversidade que essas seções poderiam comportar, busca propor uma análise que questione o caráter de excepcionalidade da presença feminina nesse suporte impresso. O objetivo é observar a instabilidade das construções de gênero na grande imprensa e as diferentes abordagens sobre emancipação feminina naquele período.

Palavras-chave: Imprensa; Feminino; Emancipação

---

Abstract:

The article presents and compares three woman's sections in daily newspapers published in the city of Rio de Janeiro at the last decades of nineteenth century. In addition to calling attention to the diversity that these sections could include, it attempts to propose an analysis that questions the exceptional character of the female presence in this support. The objective is to observe the instability of gender constructions in the daily press and the different conceptions of female emancipation in that period.

Keywords: Press; Female; Emancipation

---

---

\* Doutora em História Social pela UNICAMP. Contato: lerice.garzoni@gmail.com.

No final do século XIX, os jornais diários do Rio de Janeiro passaram por mudanças importantes, o que se refletia tanto em sua administração quanto na forma como organizavam e apresentavam seus conteúdos aos leitores. Ao se estruturarem como empresas voltadas aos interesses comerciais, esses periódicos diversificaram os assuntos abordados e incorporaram novos colaboradores, com o objetivo de ampliar seu alcance entre o público leitor. Essas transformações, já apresentadas por Nelson Werneck Sodré no clássico *História da Imprensa no Brasil*, cuja primeira edição data de 1966, ganharam novas dimensões em análises desenvolvidas no campo da História Social nas últimas décadas (SODRÉ, 1999). Afinal, essas pesquisas problematizaram as intersecções entre literatura e política nesses suportes, assim como a ideia de que seria possível se referir a cada jornal como um todo coeso e homogêneo, uma vez que cada título reunia colaboradores de opiniões discordantes, inclusive em uma mesma coluna (CHALHOUB, 2005).

Inserido nesse esforço recente da historiografia, este breve texto aponta os diferentes sentidos que a autoria feminina poderia assumir nos jornais diários da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Pesquisadores que consideraram a participação de mulheres na imprensa carioca desse período recuperaram a produção de algumas cronistas, não raro descritas como expoentes em um universo predominantemente masculino (BROCA, 2005, pp.326-327 e SOIHET, 2004). Também é possível observar a tendência de algumas pesquisas de tratar os jornais emancipacionistas ou as revistas femininas em geral como um “mundo à parte”, ou seja, sem investigar a relação com outros tipos de periódicos publicados no mesmo momento (BICALHO, 1989, pp.79-89 e HAHNER, 2003, pp. 84-100)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Para um estudo em que a imprensa feminina é considerada em diálogo com outros tipos de produção do período, ver SILVEIRA, 2005.

O objetivo do presente artigo é chamar a atenção para algumas seções femininas existentes em periódicos de ampla circulação nesse período. Se, à primeira vista, essas seções reforçavam dicotomias tradicionais entre público – associado ao masculino e ao político – e privado – associado ao feminino e ao doméstico – um olhar mais detido mostra a diversidade que poderiam comportar. Com isso, elas apresentam evidências importantes sobre a instabilidade das construções de gênero na imprensa diária daquele contexto histórico, de profundas transformações políticas e econômicas, assim como a difusão de diferentes visões sobre o significado da “emancipação” feminina, em um momento de decisivos debates emancipacionistas (CUNHA, 2007, pp.384-396).

Três seções femininas foram selecionadas para o presente exercício, quais sejam, “Conversas Lisbonenses”, da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, publicada no jornal O Paiz entre 1884 e 1886; “Livro Doméstico”, assinado por Branca e publicado no Jornal do Brasil entre janeiro e abril de 1893 e “Petits Bleus”, que apareceu em A Imprensa entre fevereiro e abril de 1900, sendo escrita em francês sob as assinaturas de Santuzza e Suzette<sup>2</sup>. Além de terem vindo a público em momentos distintos, cada uma dessas seções integrava periódicos com diferentes objetivos políticos, o que ajuda a entender os possíveis diálogos que estabeleciam com outros colaboradores desses mesmos jornais.

O início de “Conversas Lisbonenses” aconteceu alguns dias depois do lançamento do próprio O Paiz, criado e inicialmente dirigido por Quintino Bocaiúva e que, nos anos subsequentes, teve participação importante na campanha republicana e abolicionista (PESSANHA, 2006). Já “Livro Doméstico” surgiu em um contexto republicano no Jornal do Brasil, periódico que, naquele momento, mantinha explícitas simpatias monarquistas, tendo sido alvo de inúmeras medidas repressivas por parte do governo militar

---

<sup>2</sup> Realizei uma primeira análise dessa seção em GARZONI, Lericice de Castro. “As cartas de Santuzza: uma análise da seção ‘Petits Bleus’ do Jornal A Imprensa (Rio de Janeiro, 1900)” in Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, UFSC, Florianópolis, 2010. Agradeço as críticas e sugestões recebidas naquela ocasião.

Lerice de Castro Garzoni

(SODRÉ, 1999, pp.251-274 e BAHIA, 1990, pp.114-119). A seção “Petit Bleus” apareceu em A Imprensa, jornal diário dirigido por Rui Barbosa, que promovia uma postura extremamente crítica à presidência de Campos Salles e defendia a revisão da Constituição Republicana, a fim de limitar o poder das oligarquias rurais no país (GARZONI, 2011a, pp.58-177). Tendo em vista essas características, passemos à discussão dessas seções.

#### Apresentando-se ao público feminino

Na estreia de “Conversações Lisbonenses”, Maria Amália Vaz de Carvalho explicava como seus textos haviam chegado ao recém-fundado jornal brasileiro:

(...) o fundador do Paiz teve uma ideia generosa e rara, pela qual as minhas queridas leitoras – levando-lhe em conta pelo menos a intenção – não podem deixar de ser-lhe gratas. Pensou ele que as mulheres, às quais, por enquanto, tantas questões de alta importância se conservam estranhas, e que pouco ou nada se ocupam de política ou de comércio, de indústria ou de finanças, de diplomacia ou de ciência, gostariam de achar nas colunas deste novo jornal brasileiro, um cantinho que fosse só delas, que lhes fosse exclusivamente destinado, e onde elas encontrassem discutidas, analisadas, ou mesmo simplesmente notadas de passagem, as coisas que mais particularmente lhes atraíssem a atenção. Para conversar com senhoras, pensou ele e com razão que o mais acertado seria procurar uma pessoa do mesmo sexo. Nós, as mulheres, achamo-nos fatalmente ligadas por uma espécie de franco maçonaria universal. A natureza, a sociedade, a religião impõem-nos a todas os mesmos deveres, as mesmas dores, os mesmos sacrifícios, as mesmas tarefas, as mesmas missões aspérrimas, e portanto com alterações raras e insignificantes o mesmo critério, o mesmo modo de julgar as coisas e os homens.<sup>3</sup> (“Conversas Lisbonenses”, O Paiz, 06/10/1884).

Segundo a autora, a iniciativa de dedicar uma coluna exclusivamente às leitoras havia partido do próprio fundador do jornal. Uma vez que assuntos relacionados à política, ao comércio, à indústria, às finanças, à diplomacia e às ciências eram “estranhos” às mulheres, parecia justo que lhes fosse

reservado um “cantinho” para discutir matérias de seu interesse. Para identificar os temas e a tônica a ser empregada nessa tarefa, nada melhor que convidar uma mulher que, além de viúva do poeta brasileiro Gonçalves Crespo, colaborava em publicações portuguesas e já contava, em sua trajetória, com outra passagem pela imprensa brasileira. Somada à experiência de ser mulher e de escrever na imprensa diária de seu país, Maria Amália Vaz de Carvalho também apresentava a experiência conferida pela passagem do tempo:

Quando eu era muito mais moça, quando via ainda através de um véu cor-de-rosa, o mundo, que tão sinistro e despovoado se me tornou depois, lembro-me que escrevi para um jornal desse mesmo país, tão nosso irmão, uma longa série de artigos iluminados pelo otimismo mais sedutor.

Não me faltaram, então, vindos dessa boa terra brasileira a que por estreitas afinidades eu pertencço também, demonstrações das mais carinhosas, a simpatia, aplausos animadores à valente cruzada que empreendera cheia de fé e de ingênua intrepidez.

Partia eu nesse tempo, que para mim já vai tão longe, de um princípio cuja falsidade a experiência me ensinou a conhecer.

Julgava que a mulher é quem fazia o seu próprio destino, bom ou mau, próspero ou desgraçado, consoante o modo por que ela entendia e praticava o dever.

Mais de uma vez, imbuída desta convicção absoluta, eu fui rude e injusta para ti, pobre mulher, minha irmã nas lutas, minha irmã nas dores, minha irmã nas decepções. (“Conversas Lisbonenses”, O Paiz, 06/10/1884).

Revedo seus preconceitos de juventude, a escritora pretendia usar essa nova oportunidade para compreender quais eram as possibilidades femininas de fazer seu próprio destino, de entender e praticar seu dever. Então, ainda que definisse a mulher pelas missões impostas pela natureza, pela sociedade e pela religião, identificando o sexo biológico ao gênero, muitos de seus artigos questionavam essa unidade universal, pois reconheciam que a “missão feminina” não era fácil ou suave e, portanto, apresentava-se mais condescente em relação aos “erros e crimes da

Lerice de Castro Garzoni

mulher". Assim, ao longo dessa seção, não só se questionava quais seriam os assuntos que despertariam o interesse das leitoras, mas também o que definia a mulher, sobretudo frente à diversidade de lutas, dores e decepções que enfrentariam ao longo da vida.

No artigo inicial de "Livro Doméstico", Branca também procurava se apresentar e justificar sua participação naquele periódico, enfatizando o mote de suas preocupações:

Minhas senhoras

E não digo leitoras gentis porque pertenço ao sexo...

Mas não foi para dizer-lhes que sou uma senhora, que, além de tocar Schubert, ler Pierre Loti (no original), bordar e coser; que sei tratar de três babys (sic) a quem amamentei, sem medo de que os meus encantos fugissem, espavorindo-se ante este burguezismo que tomei no sangue materno, e penso, em – com a educação – transmitir às filhas que Deus me dê e com que porventura se digne brindar-me ainda, que eu escrevo esta carta.

Numa época em que as mulheres clamam a igualdade dos seus direitos aos do homem, discutem no jornal e na tribuna política, às vezes um tanto dinâmica, como diz um conselheiro que vem de quando em quando tomar uma xícara de chá no remanso do nosso lar, enquanto meu marido lê quatro páginas de ciência – porque tem horror enorme por esse veneno, de que todavia fez grande uso na infância – numa quadra em que os jornais todos vêm cheios de prosa feminina, e até de versos às vezes; eu, que me prezo de saber pregar uma tira numa camisa e de refogar regularmente um guisado, pensei em escrever também.

Esta carta é, por assim dizer, o prefácio de um livro que não está escrito ainda e em que cada dia escreverei uma página, de grande interesse para as ménagères.

Receitas úteis e nada mais. ("Livro doméstico", Jornal do Brasil, 01/01/1893).

Segundo Nelson Werneck Sodré, a autora dessa seção, que caracterizou como a primeira seção feminina da grande imprensa brasileira, era a escritora Clotilde Doyle, sobre a qual não forneceu outras informações além do nome (SODRÉ, 1999, p.346). No jornal, a falta de dados sobre a autora, escondida sob o pseudônimo de Branca, era compensada por essa

construção identitária. Tratava-se, afinal, de uma esposa que, devidamente educada, se dedicava às tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos. A menção ao aleitamento materno não era casual e remetia às ideias higienistas do período, que alertavam sobre o perigo de contaminação representado pelas amas de leite (RONCADOR, 2008, pp.17-50). Retendo sua atenção ao ambiente doméstico, conforme sugeria o próprio título de seus artigos, ela pretendia reconduzir a atenção das leitoras a interesses negligenciados em outras contribuições femininas na imprensa. Essa tentativa permite vislumbrar certa inquietação da autora com os rumos da presença feminina nos jornais, sugerindo que havia mais colaboradoras do que aquelas cuja produção foi abordada em pesquisas acadêmicas posteriores.

Agregado a isso, mencionava a instabilidade política do período, a fim de reforçar seu receio em relação à exposição pública das mulheres que pretendiam reivindicar igualdade de direitos em relação aos homens. A visita de um “conselheiro”, com referência à sua perspectiva crítica sobre a situação política, implicitamente remetia às origens monarquistas do jornal, vítima de inúmeras perseguições no alvorecer republicano, como dissemos acima. Nesse pequeno episódio também há um sutil desacordo entre ela e seu marido, que se negava a tomar chá, considerando-o um veneno. Leitor de assuntos relacionados à ciência, ele desmerecia conhecimentos tradicionais, do qual havia sido beneficiário em sua infância. Branca, por sua vez, considerava fundamental compartilhar receitas de “medicina caseira” e usava sua coluna para explicar as causas e os primeiros cuidados a serem administrados aos doentes e acidentados em sua própria casa. Isso não dispensava, porém, o cuidado médico, o que ela fez questão de ressaltar em reiteradas ocasiões.

O público-alvo de “Livro Doméstico” seria composto por ménagères, isto é, as responsáveis pelos trabalhos domésticos em residências burguesas. Essa função cabia primordialmente às próprias mães de família e, em sua ausência, a empregadas do sexo feminino, desde que brancas e educadas

(GARZONI, 2011b). Foram compiladas, portanto, receitas culinárias ou relacionadas ao tratamento de doenças e, eventualmente, dicas sobre a toilette feminina. Concebidos dentro desse ideal, ao qual as leitoras reais poderiam não corresponder, os conselhos tinham o objetivo de orientar a ação das mulheres no ambiente doméstico, fornecendo subsídios para que desempenhassem de forma correta e prática as funções de mãe e esposa. A forma como se apresentariam em público, relacionadas às vestimentas e comportamentos, era apenas um complemento ocasional.

Vale observar que tanto nas “Conversações Lisbonenses” quanto no “Livro Doméstico” havia referências ao gênero epistolar, que permitiria um acesso mais direto e íntimo às respectivas interlocutoras. No caso de Branca, a menção às cartas, que posteriormente seriam compiladas em livro, acotencia logo na apresentação de sua coluna. Maria Amália Vaz de Carvalho, por sua vez, chegou a mudar temporariamente o título de sua seção para “Cartas do Campo”, por acreditar que correspondia melhor à forma como seus textos eram escritos (“Conversas Lisbonenses”, *O Paiz*, 06/10/1884).

Mas foi em “Petits Bleus” que a forma epistolar teve maior destaque, tanto que não havia um artigo de apresentação. A seção era inaugurada com uma carta dirigida à “Mme. X”, em resposta a um pedido supostamente enviado ao jornal, relatando as desventuras de sua vida conjugal (“Petit Blues”, *A Imprensa*, 22/02/1900). Além de consolar sua correspondente, que havia sido abandonada pelo marido, a autora mobilizava sua experiência para dizer como ela poderia recuperar o seu casamento. Como ficaria evidente nos relatos subsequentes, Santuzza era uma mulher mais velha, mãe e viúva, com maturidade para aconselhar sobre matérias tão íntimas (“Petit Blues”, *A Imprensa*, 04/03/1900 e 19/04/1900).

A partir de determinado momento, Santuzza passou a dividir a autoria de “Petits Bleus” com Suzette, que escrevia crônicas sobre assuntos diversos, incluindo conselhos genéricos às mulheres e assuntos da atualidade. Em seu texto de estréia, por exemplo, essa última colaboradora defendia o fim do uso do chapéu, principalmente nos teatros, já que prejudicavam a visão de outros espectadores (“Petit Blues”, *A Imprensa*, 08/03/1900). Então, se as



leitoras precisavam de auxílio para lidar com questões de foro íntimo, também havia o pressuposto de que era necessário orientar sua performance no espaço público. Porém essa ideia, compartilhada por todas as autoras analisadas nesse artigo, ganhava sentidos distintos em cada uma dessas colunas.

Uma primeira diferença em relação às seções mencionadas acima era que as autoras de “Petits Bleus”, provavelmente, eram ficcionais e não havia informação alguma sobre quem estava por trás dessas personagens, nem mesmo sobre seu sexo. Ainda assim, definiam-se como femininas e sua presença, mesmo que fossem pseudônimos para homens, indicava a importância desse tipo de contribuição no jornal naquele momento.

De autoria feminina, essas três seções se dirigiam às leitoras e figuraram em jornais diários para discutirem, com diferentes ênfases, questões relacionadas ao espaço privado. A restrição da atuação feminina ao lar apareceu de forma mais contundente ao longo da publicação de “Livro Doméstico” em 1893, que recorrentemente silenciava sobre a presença feminina no espaço público e não fazia nenhuma referência aos assuntos abordados em outras partes do jornal. Assim, apesar do artigo de apresentação ter problematizado a presença de escritoras e poetisas na imprensa, assim como a de emancipacionistas na “tribuna política”, os textos subsequentes buscavam reforçar e mesmo naturalizar a associação entre privado e feminino.

Adotando estratégia diversa, alguns textos de “Conversações Lisbonenses”, publicados quase uma década antes, criticavam abertamente o fato de que a grande maioria das mulheres havia abandonado os afazeres domésticos em nome de uma vida social agitada. Frente a essa realidade, sua autora propunha a educação como a medida necessária para reverter essa conjuntura:

Se o marido lhe dá a escolha entre a vida ruidosa da sociedade, com as suas pompas e com as suas humilhações, com os seus triunfos e os seus despeitos, com as suas transigências os seus

Lerice de Castro Garzoni

combates frívolos, ou a vida doméstica, serena, calma, concentrada, consagrada ao dever de todos os minutos, e tendo no sacrifício contínuo a sua própria compensação, é raro que ela escolha a vida doméstica.

Se nasce boa e as circunstâncias se não reúnem como um assalto tentador a essa bondade, conserva-se boa; se a paixão se levanta com o seu cortejo de alucinamentos febris e de ímpetos violentos ela não encontra nem em si nem no homem que escolheu como conselheiro e como guia, nem no meio que a envolve, nem na educação falsa que lhe deram elementos, que bastem para resistir a essa paixão dominadora e subjugá-la e vencê-la em nome do eterno Dever! ("Conversações Lisbonenses; O Paiz, 01/04/1885).

Além da educação, ela também defendia mudanças nas relações entre os cônjuges. Para ela, o conflito entre Ciência e Religião, tão característico daquele século, era personificado no ambiente doméstico pelo marido, que seguia as "modernas correntes" científicas e adotava uma postura cética em relação aos mistérios da religião, e a esposa que, ao menos na aparência, mantinha a "exterioridade do culto". Desprovida de uma fé sincera e de uma educação adequada, a "mulher moderna" encontrava-se totalmente desamparada e não compartilhava nenhum dos interesses de seu marido, fazendo com que os casamentos estivessem fadados ao fracasso. Esses eram debates que, como veremos adiante, ecoavam em outras partes daquele periódico naquele momento, revelando a atualidade dessa seção.

"Petits Bleus", de 1900, também suscitava diálogos com outras seções e, inclusive, com outras folhas, debatendo atualidade política e defendendo abertamente a emancipação feminina. Ainda que houvesse espaço para conselhos sobre relações conjugais, não houve nenhuma menção à atuação das mulheres enquanto mães, nem referências ao cumprimento de seu "Dever" supremo, a maternidade, tão recorrentemente evocado por Maria Amália Vaz de Carvalho. Isso porque a maior parte dos conselhos relativos ao foro íntimo buscava incitar as mulheres a empregarem subterfúgios para terem controle sobre suas relações afetivas. Na primeira carta da série, por exemplo, Santuzza buscava conscientizar a "jovem esposa" de seu papel de "coquette", recomendando a leitura de *Lettres de Femmes*, de Marcel

Prévost<sup>3</sup>. No livro, de caráter epistolar, havia muitas referências a relações amorosas ilícitas, maridos traídos e mulheres independentes. Havia a sugestão, portanto, de que era preciso perder a ingenuidade e tomar conhecimento dos prazeres e desventuras mundanos, sobretudo no que tange às experiências sexuais.

Nesse contexto, o fato de ter sido redigida em francês apresentava um dúbio sentido. Por um lado, restringia os leitores e reforçava a ideia da França como modelo de civilização. Por outro lado, dialogava com visões idealizadas sobre a relação existente entre prostituição elegante e as mulheres de origem francesa, o que poderia sugerir que os conselhos dispensados em “Petits Bleus”, sobretudo aqueles relacionados à sexualidade, vinham de mulheres que não só conheciam as regras de comportamento da sociedade civilizada, como tinham um domínio particular sobre as estratégias de sedução<sup>4</sup>.

Essa seção também discutia as toilettes e a presença feminina em espaços públicos. Os temas de “Petits Bleus” oscilavam, portanto, entre a intimidade das relações amorosas e o burburinho das ruas, sem fazer referência aos tradicionais papéis femininos da esfera doméstica. Nesse ínterim, também havia espaço para falar de política e assuntos pertinentes aos demais colaboradores do jornal. Considerando as particularidades de cada uma das seções femininas mencionadas, parece pertinente fazer observações mais pontuais sobre aquela redigida por Maria Amália Vaz de Carvalho e a assinada por Santuzza e Suzette, uma vez que, ao longo de seu

---

<sup>3</sup> PRÉVOST, s.d. O autor (1862-1941) iniciou sua carreira de romancista em 1890, sendo eleito para a Academia Francesa de Letras em 1909. Ele colaborou na revista feminina *Femina*, publicada em Paris a partir de 1901, com uma seção intitulada “Lettres à Françoise”, cujas colaborações seriam reunidas em livro homônimo em 1902.

<sup>4</sup> Para abordagens contrastantes sobre a associação contemporânea entre prostituição e francesas, ver RAGO, Margareth. *Prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, pp. 33-45 e SCETTINI, Cristiana. “Que tenhas teu corpo”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006, pp. 231-144.

Lerice de Castro Garzoni

desenvolvimento, trabalharam de forma mais ambígua as noções de público e privado, assim como as definições de homem e mulher em cada uma dessas esferas.

“Conversações Libonenses”: educação feminina e os limites da igualdade

Como Santuzza, Maria Amália Vaz de Carvalho também foi instada a responder a uma leitora que lhe escreveu contando que estava sendo traída por seu marido. Frente a esse “problema indissolúvel”, a autora de “Conversações Lisbonenses” apresentava as seguintes atenuantes:

Mas aquela [mulher] que uma compreensão forte da vida haja cedo iniciado em todos os segredos do complexo organismo humano e social, essa compreenderá que se a vida do coração morreu em um [palavra ilegível], numa agonia rasgadora, a vida do Dever, a vida que todos temos de aceitar sob pena de abdicarmos o destino que é nosso, essa exige de nós a coragem, a abnegação completa, o sacrifício, a resignada submissão (“Conversações Lisbonenses”, O Paiz, 04/04/1885).

Ao mesmo tempo em que defendia essa “abnegação completa” e “resignada submissão” ao “Dever”, eufemismo para maternidade, também considerava que o ideal seria a busca da igualdade entre os esposos na esfera privada, o que só poderia ser alcançado por meio da educação feminina<sup>5</sup>. Desde meados do século XIX, esse tema era recorrente nas revistas femininas, em colaborações de médicos e literatos, assim como naquelas que se definiam como emancipacionistas, como O Sexo Feminino (SILVEIRA, 2010, pp.180-192). É importante destacar que havia diferentes tônicas nesses discursos já que, enquanto os médicos enfatizavam o reflexo positivo da educação feminina na formação dos filhos, reforçando a associação entre feminino e domesticidade, outros sujeitos destacavam

---

<sup>5</sup> “A construção da família, contaminada desde sempre pelo crime de desigualdade entre o homem e a mulher, fazendo da mulher na lei, a eterna pupila e a eterna pária embora nos costumes lhe a falsa aparência de uma vitória frívola, é porventura uma instituição perfeita?”. “Conversações Lisbonenses”, O Paiz, 22/04/1885.

sua importância para que as mulheres pudessem ter trabalhos mais qualificados e viver de maneira independente.

No próprio *O Paiz*, essa questão foi debatida em editoriais em que, apesar de defender a necessidade de ampliar e melhorar a educação feminina, também se estabeleciam limites a esse propósito:

Não que a queiramos emancipada, isto é, desnaturada, invadindo os domínios da esfera própria do sexo masculino, pretendendo estabelecer com o homem a luta da concorrência no exercício de faculdades que lhe são próprias, mas, entre a exageração do princípio autônomo, com referência ao sexo delicado, e essa menoridade perpétua a que a condenamos, privando-as, social e domesticamente, de todos os elementos de independência própria – a distância é grande.<sup>6</sup>

Os posicionamentos de Maria Amália Vaz de Carvalho iam ao encontro daqueles professados pelo editor nessa ocasião. Ela também considerava a educação fundamental para que as mulheres pudessem ser o complemento do homem na vida conjugal e, apenas em casos excepcionais, vivessem sozinhas, “independente de qualquer auxílio ou de qualquer proteção”<sup>7</sup>. Homens e mulheres deveriam se manter em esferas próprias e a educação feminina, feita conforme esses preceitos, não faria com que a “mulher instruída” negligenciasse a sua “missão doméstica”.<sup>8</sup> Como o editor, enfim, ela também era contrária à emancipação política do sexo feminino:

---

<sup>6</sup> “Trabalho para as mulheres”, *O Paiz*, 26/12/1885. Outro editorial com o mesmo título voltou a tratar do assunto em 28/12/1885.

<sup>7</sup> “Conversações Lisbonenses”, *O Paiz*, 20/10/1884. Segundo a estudiosa Maria Regina Tavares da Silva, Maria Amália Vaz de Carvalho “não sendo feminista, no sentido de um feminismo radical organizado e militante, era, no entanto, defensora de uma das suas reivindicações fundamentais — o direito das mulheres à educação e a necessidade da sua valorização cultural e intelectual”. Ver Silva, Maria Regina Tavares. “Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX” in *Análise Social*, v. XIX, 77-78-79, 1983, p.878.

<sup>8</sup> *O Paiz*, “Conversações Lisbonenses”, 15/10/1884. “Um dos argumentos mais em voga contra a mulher instruída, é este: ‘Logo que ela tenha todos os conhecimentos que lhe faltam, não quererá mais sujeitar-se à humildade de sua missão doméstica e social’. Os que tal dizem desconhecem a grandeza que para a mulher culta, para a mulher verdadeiramente instruída, há de ter sempre essa missão suprema entre todas”.

Lerice de Castro Garzoni

Quando eu falo dos direitos do nosso sexo a todas as modernas conquistas intelectuais, estou longe de falar ou de pensar na conquista absurda dos direitos políticos, à qual tudo nela se recusa. Quero a mulher no interesse da sua casa, e só a quero aí; mas quero-a cônica do papel que tem a cumprir. Acho tão absurda e tão grotesca a mulher-deputado, como acharia a mulher-soldado e a mulher-sacerdote. Mas desta aberração que anda agora fervilhando n'alguns cérebros doentes, à mulher consciente e forte que as sociedades modernas têm o direito de formar, vai um abismo ("Conversações Lisbonenses", O Paiz, 15/10/1884).

Distante da vida profissional e das funções políticas, o destino supremo da mulher era a maternidade e seria errôneo infligir-lhe outras responsabilidades. É importante destacar que essa visão idealizada da mulher na esfera doméstica, além de ter origens em valores tradicionais, também era uma reação à vida agitada da "mulher mundana" que, como destacava a própria autora e outros colegas, eram cada vez mais presentes naquela sociedade<sup>9</sup>. Então, a própria insistência nessa premissa parecia indicar a impotência de Maria Amália Vaz de Carvalho frente às mudanças de seu tempo.

"Petits Bleus": política e emancipação feminina

Santuzza e Suzette conseguiram associar a abordagem do cotidiano feminino com sutis críticas aos políticos de sua época, fazendo menções aos rumos das reformas urbanas levadas a cabo pela municipalidade, aos casos de corrupção na câmara dos deputados e, inclusive, à aparência física de homens públicos<sup>10</sup>. Mas também havia espaço para outros enfoques e, nesse sentido, parece pertinente acompanhar o diálogo de Suzette com outro companheiro de redação, que assinava por Jacques Bonhomme e mantinha a seção "Carteira de um jornalista". No dia 08 de março de 1900,

---

<sup>9</sup> O Paiz, "Cartas a Luiza", 30/10/1884 e "Ecos Fluminenses", 22/12/1884.

<sup>10</sup> "Petits Blues", A Imprensa, 09/03/1900 (alargamento rua do Ouvidor), 01/03/1900 (deputados), 08/03/1900 (sobre o longo pescoço do então senador Quintino Bocaiuva).

ele publicou uma crônica sobre o jornal francês *La Fronde*, folha diária cuja peculiaridade era ser administrada e totalmente confeccionada, da redação à oficina tipográfica, por mulheres (COQUART, 2010). Jacques Bonhomme celebrava o jornal lançado em 1897, lembrando a estranheza que provocou entre os contemporâneos (“Carteira de um jornalista”, *A Imprensa*, 08/03/1900).

Na sua apreciação, *La Fronde* não apenas reunia todas as características necessárias para ser considerada uma folha moderna, como o fazia com muita qualidade. Ao falar do posicionamento político do jornal, ele ressaltava a questão do feminismo e foi justamente esse gancho que Suzette aproveitou para “reivindicar a autonomia das mulheres nas esferas literárias e científicas”, o que ela chamava de “emancipação intelectual” da mulher (“Carteira de um jornalista”, *A Imprensa*, 08/03/1900 (“Petits Blues”, *A Imprensa*, 10/03/1900). A partir dessas considerações, ela passava a combater alguns argumentos antifeministas em voga à época, como a ideia de que, se as mulheres estudassem e assumissem trabalhos qualificados, a reprodução humana ficaria comprometida, ameaçada de extinção.

Se o jornal das francesas inflamava Suzette, a realidade carioca era bastante distinta. Mas isso não impedia que mulheres – ou colaboradoras caracterizadas como femininas, já que não sabemos sobre sua existência real, nem sobre seu sexo – falassem sobre assuntos diversos, inclusive sobre a situação política do país. Nesse sentido, dois textos de Santuzza, publicados nos dias 11 e 23 de março de 1900, eram bastante relevantes, justamente porque trabalhavam, de forma irônica, com o assunto que ocupava as primeiras páginas do noticiário daquele mês de março: a suposta tentativa de restauração monárquica, batizada de “Pavorosa” pelos órgãos da imprensa.

Nesse episódio, Rui Barbosa, diretor de *A Imprensa*, se posicionou contra o governo, pois, apesar de compartilhar a militância republicana, considerava que os métodos de investigação em relação aos suspeitos eram exagerados e violentos. Muitos colaboradores do periódico adotaram a

Lerice de Castro Garzoni

mesma postura e Santuzza também assumiu o posicionamento do jornal no qual colaborava, mostrando-se integrada e solidária aos colegas de redação. Essas intervenções nos permitem concluir que Santuzza e Suzette participavam ativamente do jornal e conversavam com seus colegas. Elas não se restringiam aos assuntos supostamente femininos e, mesmo quando o faziam, não se conformavam a concepções tradicionais que associavam as mulheres à esfera privada. Na verdade, Santuzza e Suzette feminizavam a abordagem de assuntos políticos, criando novas conexões e possibilidades para as leitoras reais.

#### Considerações finais

A principal conclusão da contraposição dessas seções femininas, publicadas nas últimas décadas do século XIX, é a constatação de que não apresentavam um sentido único, característica que sobressai quando observamos os posicionamentos em relação à ideia de emancipação feminina. Enquanto Branca, de "Livro Doméstico", criticava e combatia o debate desse tema, propondo um retorno ao doméstico, as autoras de "Petits Bleus" incitavam suas leitoras a refletir sobre sua autonomia em diferentes esferas, tendo experiências estrangeiras como referência.

Por sua vez, Maria Amália Vaz de Carvalho defendia a educação feminina e a busca do equilíbrio dentro do casal, sem desconsiderar, ainda que de forma velada, os possíveis impactos econômicos dessas medidas, isto é, a melhora dos rendimentos de trabalhadoras mais qualificadas. Por outro lado, enfatizava a necessidade de limites para a emancipação feminina, sobretudo no domínio da política institucional. Assim, se as três seções apresentavam um caráter normativo, no sentido de orientar suas leitoras sobre determinados assuntos, estavam longe de compartilhar um objetivo comum.

A análise desenvolvida ao longo do artigo também mostrou que, além da normatividade, seções femininas publicadas nesse período também poderiam promover o debate e suscitar visões diversas sobre o que



significava ser feminino. Assim, além de chamar a atenção para essas colunas, tão pouco estudadas pela historiografia, buscou-se questionar a sua conotação de excepcionalidade, explicitando os diálogos que estabeleciam com outros colaboradores e com as concepções do período (PLANTÉ, 1988). Ainda nesse sentido, a interação com os leitores, aspecto pouco abordado no presente texto, também aponta caminhos importantes, no sentido de investigar o alcance e a repercussão desses espaços supostamente dedicados às mulheres.

Cabe ainda destacar que a análise da produção de sujeitos femininos na grande imprensa desse período é apenas uma das inúmeras possibilidades de empreender uma análise de gênero ancorada nos princípios da História Social. Tão importante quanto entender a presença de escritoras ou de escritores que se apresentavam sob pseudônimos femininos nas folhas diárias nesse momento, é compreender as mudanças na abordagem do feminino, suas diferentes apropriações, assim como os usos que os contemporâneos faziam desse qualitativo como metáfora para outras questões sociais e políticas.

#### Bibliografia

- BAHIA, J. *Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BICALHO, M. F. B. *O Bello sexo: imprensa e identidade feminina*. In: COSTA, A. O. & BRUSCHINI, C. *Rebeldia e submissão*. São Paulo: Vértice, 1989.
- BROCA, B. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005 [1956].
- CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S. e PEREIRA, L. A. de M. (orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- COQUART, E. *La Frondeuse: Marguerite Durand, patronne de presse et féministe*. Paris: Payot, 2010.

- CUNHA, O. G. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, O. G. e GOMES, F. (orgs.). Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, pp.377-417.
- GARZONI, L. C. "Disputas políticas e disputas por leitores: a criação do Correio da Manhã (1898-1901)". *Topoi*, Rio de Janeiro, v.12, pp.158-177, 2011a.
- GARZONI, L. C. Ménagères, governantes e criadas: distinções entre os trabalhadores domésticos no romance *A Intrusa*, de Julia Lopes de Almeida. In XXVI Simpósio Nacional de História - Anpuh 50 anos, São Paulo, 2011b. Disponível em <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14\\_1299119593\\_ARQUIVO\\_textoanpuh2011\\_GARZONI\\_LERICE.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14_1299119593_ARQUIVO_textoanpuh2011_GARZONI_LERICE.pdf)> Acesso em 29 mai. 2012.
- HAHNER, J. Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2003 [1990].
- PESSANHA, A. S. da S. O Paiz e a Gazeta Nacional: imprensa republicana e abolição. Rio de Janeiro, 1884-1888. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- PLANTÉ, C. "Femmes exceptionnelles: des exceptions pour quelle règle? ". *Les Cahiers du GRIF*, Paris, n.37-38, pp.91-111, 1988.
- PRÉVOST, M. *Lettres de femmes*. Paris: Arthème Fayard Éditeur, s.d.
- RONCADOR, S. A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- SILVEIRA, D. Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do *Jornal das Famílias*. Dissertação de Mestrado em História, Unicamp, 2005.
- SILVA, Maria Regina Tavares. "Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX". *Análise Social*, v. XIX, 77-78-79, 1983.
- SODRÉ, N. W. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999 [1966].
- SOIHET, R. "Comparando Escritos: Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v.423, pp.77-95, 2004.